

## Ouvir as queixas e ensinar remédio\*

Ruy Póvoas\*\*

Ao receber o convite para fazer a abertura das atividades da Universidade Aberta à Terceira Idade, lembrei-me do itan "A cabeça nova". Creio que tal texto será bastante ilustrativo para este momento. Eis a história:

*Contam os mais-velhos que Ajagunã, filho de Obatalá, nasceu sem cabeça. Por isso, ele cresceu revoltado, vagando, sem destino certo. Um dia, ele se encontrou com Ori, o orixá das cabeças. Ajagunã suplicou a Ori que tirasse ele daquele sofrimento. Aí, então, Ori resolveu fazer uma cabeça branca para Ajagunã, com inhame cozido e amassado no pilão. Durante os preparativos, o sem-cabeça gemia tanto e implorava com tanta agonia, que Ori se apressou e nem esperou o inhame esfriar: fez uma cabeça branca com o inhame quente mesmo.*

*Depois que Ori modelou a cabeça, Ajagunã se transformou num guerreiro valente e desempenado. Ori deu a ele um escudo e uma mão pilão para*

*enfrentar as batalhas. Ele ficou muito feliz, mas a cabeça de inhame esquentava muito e ele sentia dores de cabeça muito fortes. Ficava arriado por vários dias, quando as crises atacavam e não tinha paciência com nada, nem com ninguém. E ele foi pelo mundo, padecendo de seus males.*

*Um dia, ele se encontrou com Iku, a Morte. Muito prestativo, Iku começou a dançar e se ofereceu logo para fazer uma cabeça nova para Ajagunã. Ele, coitado, se recusou. Mas o sofrimento aumentou tanto, com uma dor de cabeça tão insuportável, que ele terminou aceitando a oferta. Todo mundo sabe que a dor é que ensina a gemer e quem está sofrendo não escolhe remédio. Iku prometeu lhe dar uma cabeça negra e fria, feita de sombra. Assim foi feito e Ajagunã ficou feliz e aliviado. Antes de desaparecer, Iku lhe tomou a mão de pilão e a levou consigo.*

*Mas aí, uma outra coisa aconteceu: Ajagunã passou a se sentir perseguido por um terror: eram as sombras da*

\* Aula inaugural proferida na Universidade Aberta à Terceira Idade/UESC, em 11/05/2005.

\*\* Professor aposentado da UESC, Mestre em Letras Vernáculas/UFRJ, escritor e poeta, babalorixá do Ilê Axé Ijexá, em Itabuna, BA.

*Morte em sua cabeça fria. Até hoje, não se sabe qual dos dois sofrimentos era maior: se a agonia da dor da cabeça branca e quente, ou se o terror da perseguição da cabeça negra e fria. E lá se foi Ajagunã, vagando pelo mundo, embora continuasse sendo um grande guerreiro.*

*Um certo dia, ele estava mergulhado em profundo terror, sofrendo horrores, quando se encontrou com Ogum, o grande ferreiro, senhor dos caminhos. Ajagunã se queixou dos males e contou tudo a Ogum. A primeira coisa que Ogum fez foi dar sua espada a Ajagunã. Com a nova arma, ele afugentou a Morte e espantou as sombras de sua cabeça. Depois, Ogum pegou sua faca e começou a remodelar a cabeça de Ajagunã, misturando o frio com o quente. Aí, as duas cabeças, que estavam uma revestindo a outra, se misturaram e a nova cabeça ficou azulada. Virou uma cabeça nem muito quente, nem muito fria.*

*Quando Ogum terminou seu trabalho, Ajagunã virou Oxalufã, o mais velho dos mais-velhos, trazendo agora uma cabeça equilibrada. Mas foi preciso que Ogum fizesse um cajado, para Oxalufã se apoiar, pois o escudo não tinha serventia para mais nada. E Oxalufã saiu pelo mundo, de bem consigo mesmo e com a vida, apoiando-se em seu cajado. Por onde passava, ouvia as queixas dos sofredores e ensinava remédio para seus padecimentos. Pois é: uma cabeça quente não funciona muito bem; uma cabeça fria também não. Uma é cheia de agonia; a outra não tem compaixão.*

Pois bem. Vamos nos aproximar do texto e tomemos intimidade com ele. Por que um texto extraído da cultura nagô? Minha motivação não é a onda de africanidade e africanização que varre o País, numa ânsia de corrigir os 500 anos de exclusão dos afro-descendentes. Fazem parte de meu viver e de meu fazer enxergar o mundo e interpretar o universo e a vida a partir de uma formação afro-brasileira. Fui criado entre a gente de terreiro de candomblé e recebi formação dos mais-velhos afro-descendentes. E o que eu acho mais interessante, hoje, é recordar que alguns deles eram de pele branca. Mas deixemos isso pra lá, já faz tanto tempo...

Pois é: com os meus mais velhos, aprendi os *itan* e a importância deles para o ato de ensinar e aprender. Sobre tudo, de um processo calcado na oralidade, pois também me ensinaram que a palavra traz força e é, na sua essência, um ato criador. Aliás, todo mundo sabe que as escrituras consideradas sagradas, de todos os povos, antes de serem escritas foram faladas. E de tão repetidas viraram verdades que passaram a ser escritas. Ah, sim: *itan* é uma palavra nagô que significa história, qualquer história e, mais especificamente, as histórias que compõem o acervo memorizado pelos sacerdotes de *Ifá*, os babalaôs, que explicam como situações angustiantes são resolvidas desde os

tempos imemoriais. Foi justamente por isso que os *itan* passaram de geração em geração.

Agora tomemos o *itan* "A cabeça nova". Alguns elementos dessa narrativa se constituem numa simbologia e, como tal, passível de ser aplicada em qualquer tempo, a qualquer conjunto humano. Os símbolos resumem em si a essência do conhecimento construído pelos humanos, nas suas trajetórias de vida. Quando a coisa simbolizante é arquivada, por causa das mudanças de usos e costumes, a simbologia é transladada para novas coisas, inventadas, recriadas, ou transformadas, para que o conhecimento não se perca.

O mesmo acontece com as culturas, quando estabelecemos um paralelo entre elas. As imagens arquetípicas passam a ser outras, mas os arquétipos são os mesmos. Assim, por exemplo, o Arquétipo da Grande-Mãe, na cultura católica, é preenchido pela imagem arquetípica de Maria Santíssima. Na cultura nagô, por lemanjá. E na cultura indígena, pela Mãe-d'Água, a Iara. Rejeitar essa verdade é construir a muralha do preconceito.

Quem verdadeiramente aprende vai descobrindo as coisas novas e as antigas que resumem, em si, valores ancestrais, arquétipos e imagens arquetípicas. Caso contrário, haverá uma ruptura entre o passado e o presente, entre as di-

versas camadas que compõem a sociedade, e a nação corre o risco de se perder nos meandros da alienação ou da perplexidade.

No *itan* "A cabeça nova", imagens arquetípicas interagem num evidente exemplo de relações entre quem ajuda e quem é ajudado. Na verdade, apenas no último encontro, se estabelece o interesse de quem está ajudando por aquele que está necessitando de ajuda. Tanto é assim que a oferta vem em primeiro lugar. A espada doada por *Ogum* a *Ajagunã* é o símbolo das forças existentes no necessitado. É ele quem corta suas relações com os valores que o deprimiam e faziam dele um infeliz.

Ao encontrar-se com *Ori*, *Ajagunã* recebeu uma arma de ataque: a mão de pilão. Depois, no encontro seguinte, *Iku* lhe rouba essa arma. A sociedade dos tempos atuais também construiu outras imagens arquetípicas de *Iku*, que roubam a nossa segurança e a nossa tranquilidade. Exemplo disso são os assaltantes, os traficantes, os violentos, os corruptos, os poluidores dos rios, florestas e oceanos, os políticos traidores do povo. Eles querem nossas coisas simbolizantes e, por isso mesmo, torna-se necessária a urgente adequação dessas coisas simbolizantes a uma escala de valores que transcendam os limites de nossa perdedeira, de nossa perplexidade. Passam, por aí, a desconcentração

da renda, a escola para todos, a saúde, a moradia, o emprego, o lazer, o voto consciente e o equilíbrio ecológico.

O sem-cabeça que aparece no *itan* transporta para o próprio corpo os limites do humano, seu destino e suas escolhas. Na sua trajetória de existência, *Ajagunã* vai se encolhendo. Primeiro, perde a mão de pilão; depois, perde a juventude; em seguida, perde o escudo e, por fim, perde a postura de guerreiro. Enquanto sua cabeça evolui, *Ajagunã* encolhe-se, tal qual teoriza Bachelard, em *A Poética do Espaço*<sup>1</sup>. Sobre tal abordagem, sugiro a leitura do texto *Antiguidade é posto*.

Nesse processo de encolher-se, há uma necessária passagem pela fase da cabeça construída com inhome quente, que não nos deixa ouvir a Razão. É mais importante alargar-se, e para isso é necessário guerrear. É ter um escudo para nos defendermos do mundo e a mão de pilão para o ataque. É isso que *Ori*, a nossa cabeça, sabe fazer na juventude. Nessa fase, em que predomina a assertividade, o importante é o campo de batalha, a conquista necessária a tornar-se bem sucedido: a profissão, a casa própria, o casamento, os filhos. Existe gente que até alarga o campo para tor-

nar-se rico, viajar para o exterior, conseguir inúmeras conquistas amorosas, consumir tudo o que a mídia apregoa. E mais atualmente: tornar-se uma celebridade, morar nos Estados Unidos, ser artista da Globo, ganhar o grande prêmio do *Big Brother*. Se a ânsia do ter se alastrou, também é verdade que já chegamos a um ponto em que nem é mais necessário possuir as coisas simbolizantes: basta alcançar aquilo que com elas se parece. E o jogo do faz de conta, da provisoriamente constrói a ciranda que solapa tudo, em direção à vala comum.

Corremos o risco, no entanto, de que a agonia gerada por tais atitudes nos leve ao inevitável encontro com *Iku*: é o risco da depressão; é a saudade enorme dos tempos que já se foram; das pessoas que não ficaram; daquilo que não pudemos ter. E se a agonia da primeira fase foi imensa, maior ainda será o terror da lembrança de “tudo aquilo que podia ser e que não foi.” É a fase da cabeça feita de sombras. Sombras da terrível frase que costumamos repetir: “Mas infelizmente, Deus não quis...”. Sombras da saudade, quando a interpretamos como é “tudo aquilo que fica daquilo que não ficou.” Sombras da in-

<sup>1</sup> Interpretação que aparece no texto *Antiguidade é Posto*, publicado na Revista *Memorialidades*, Ano 1, n. 1, jul.-dez., 2004.

veja dos jovens, quando não os aceitamos em sua fase de cabeça de inhame quente, como se nunca tivéssemos tido a nossa também. Sombras da não aceitação da verdade universal de que tudo passa sobre a terra. Sombras da incompreensão de que, na vida, tudo é incerto.

Muitos só chegam até aqui. E quando *Iku* lhes arrebatam a mão de pilão, leva suas almas também. E aí, tome-lhe academia, casca de ovo, forró, sambão, botox, silicone e outros símbolos da época da cabeça de inhame quente, na esperança de que nos sejam devolvidos nosso escudo e nossa mão de pilão. Mas como quer Freud, o objeto de desejo está perdido para sempre. Mesmo, o inhame requentado jamais assumirá seu sabor original, pois como consta da Bíblia, “há um tempo para tudo, debaixo dos céus.”

Observemos que, no encontro com *Ogum*, nada é tomado de *Ajagunã*. Ao contrário: ele até recebe uma espada e, com ela, corta suas ligações com a morte. Antes, ele era um prisioneiro do desejo; agora, ele entra na fase de aceitação. E aceitando o amparo e a ajuda de *Ogum*, *Ajagunã* vai também aceitando a sua condição. Por isso, ele pôde receber um bastão, para lhe servir de apoio. O cajado é aquilo que, na velhice, nos sustenta interiormente e que foi construído ao longo do tempo, nos embates, pela vida. Nada melhor que, na

velhice, termos valores sólidos em que nos apoiarmos. No encontro com *Ogum*, *Ajagunã* entra na Terceira Idade. Por isso, ele descobre que não mais precisa de um escudo: não há mais do que se defender, pois ele está acima de qualquer ataque. Sua nova condição, agora aceita e integrada, é a sua própria defesa.

O resultado dessa integração faz *Ajagunã* transformar-se em *Oxalufã*, aquele que está de bem consigo mesmo e com a vida, que sabe ouvir as queixas e ensinar remédio, isto é, transformar-se num mais-velho, num idoso. Pois é: a maioria de nós anda pagando quantias exorbitantes àqueles que julgamos capazes de ouvir as nossas queixas e de nos ensinar remédio. Por causa disso, enfrentamos uma ansiosa espera nas ante-salas apinhadas dos chamados especialistas. Quando, na verdade, aquele que sabe ouvir as queixas e ensinar remédio reside em nós mesmos, porque somos nós mesmos que alcançamos a integração dos diversos níveis que compõem a estrutura de nossa psique, desde que nossa alma se abra para o Universo e aceitemos os necessários encontros com o outro, para que cheguemos ao encontro conosco.

Se um determinado encontro só pôde produzir a cabeça de inhame quente e um outro, a cabeça de sombra fria, haverá, certamente, aquele outro que

nos propiciará a integração. Para isso, no entanto, é preciso ultrapassar os três limites necessários: o que produz a cabeça quente, de inhame cozido e pilado; o que produz a cabeça fria, de sombras e, finalmente, o que resulta na cabeça azulada, nem muito quente, nem muito fria, sem agonia, mas também sem abrir mão da compaixão.

Quando superamos esses limites, nós nos encolhemos, naquele sentido proposto por Bachelard. Não precisamos do escudo, nem da mão de pilão, pois estamos de bem com o outro e com a vida, porque estamos de bem conosco mesmos.